

REFLETINDO AFRICANIDADES E NEGRITUDE SOB O VIÉS DA ANTROPOLOGIA CULTURAL

Isabel Leslie Figueirêdo de Menezes Lima^(*)

RESUMO

Este artigo trabalha questões referentes às relações raciais e a antropologia cultural (BOAS, 2004; STRAUSS, 1997; MINTZ; PRICE, 2003). Para tanto, discute os conceitos de raça e nacionalidade, tendo entre os objetivos refletir tais noções, seja enquanto construção discursiva e legitimadora de preconceitos, como também a potencialidade transformadora e seu desdobramento em movimentos sociais e literários, tendo como exemplo, a negritude (BERND, 1988; MUNANGA, 1986).

Palavras-chave: Relações raciais. Antropologia Cultural. Negritude.

A partir de uma pesquisa etnográfica numa comunidade de esquimós e seus desdobramentos, o antropólogo teuto-americano, Franz Boas (2004, p. 09), questiona “que vantagens nossa ‘boa sociedade’ possui sobre aquela dos ‘selvagens’” e continua o raciocínio pontuando que “descobre[o], quanto mais vê[vejo] de seus costumes, que não tem[os] o direito de olhá-los de cima para baixo [...]”. Essa inquietação é fruto de vivências num período sócio histórico em que o multiculturalismo não estava em voga e, ainda mais contundente que na atualidade, as concepções eurocêntricas imperavam em textos científicos, acadêmicos, e desta forma, valores e perspectivas de intelectuais e cidadãos ocidentalizados.

Em continuidade a reflexão de Boas tem-se Claude Lévi-Strauss (2002), antropólogo francês, que em sua obra *O pensamento selvagem* apresenta impressões acerca de modos de vida de povos e comunidades tradicionais considerando pertinentes as experiências e os saberes construídos por grupos étnicos diversos do ocidental. Também ele questiona o porquê de todo complexo de inferioridades e superioridades atribuídas a sociedades de diferentes culturas e composições fenotípicas.

Seria ele herborista ou feiticeiro? Eu nunca pude decifrar esse mistério, mas posso constatar, com tristeza, que jamais possuirei sua ciência da psicologia africana e sua habilidade para curar seus semelhantes: associados, meus conhecimentos médicos e seus talentos teriam formado uma combinação muito útil. (GILGES, 1955, *apud* STRAUSS, 2002, p. 21).

Fazendo um paralelo entre a visão de mundo das comunidades tradicionais e ocidentais, uma das questões trazidas à discussão gira em torno de noções como “raça”, “etnia” e “cultura”. Durante

^(*) Mestre em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Campus II. Especialista em Metodologia do Ensino Superior pelas Faculdades Integradas Olga Mettig (Famettig). Licenciada e bacharel em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). *E-mail:* isabel.fmlima@gmail.com.

meados do século XVIII, período em que a escravidão continuava vigente, busca-se dar legitimidade a esta prática através do paradigma das teorias raciais. De cunho científico, essas teorias têm como pretensão difundir ideias, por exemplo, a da superioridade e inferioridade racial, por intermédio da tese de sobrevivência da “espécie mais apta”, objetivando justificar a exploração colonialista, ou seja, a subjugação de uma sociedade em relação a outra.

O biólogo brasileiro Douglas Verrangia, em palestra ministrada a professores[as] do ensino municipal de Alagoinhas (BA), apresenta um dos pesquisadores de teorias raciais, o botânico, zoólogo e médico sueco Charles Linné, o criador da nomenclatura binomial, sendo assim denominado o “pai da taxonomia moderna”, e, em sua obra *Systema naturae*, de 1778¹, apresenta a classificação *Homo Sapiens*². Com essa teoria extremamente discriminatória, o autor objetivava excluir uns [não europeus] e elevar outros [europeus, inclusive ele mesmo].

Por sua vez, o pressuposto da inferioridade das raças não brancas – associado à perspectiva de ampliar as diferenças socioeconômicas pelas diversidades raciais – à “degeneração racial por meio da mestiçagem”, torna-se um dos principais dogmas do racismo científico, pontua a antropóloga brasileira Lilia Schwarcz (1993). Este cresceu por intermédio também da pesquisa de autores como Arthur de Gobineau, Cesare Lombroso e Baron Cuvier, os quais dedicaram seus estudos a projetos racistas de cunho “científico”, com vista a justificar o domínio de europeus sobre os povos por eles colonizados, considerando as diferentes estruturas ósseas da face, do nariz, do tronco, enquanto positivities ou negatividades, ao invés de diversidade humana, biológica e cultural.

É importante tomar conhecimento da complexidade que envolve o processo de construção da identidade negra em nosso país. Processo esse, marcado por uma sociedade que, para discriminar os negros, utiliza-se tanto da desvalorização da cultura de matriz africana como dos aspectos físicos herdados pelos descendentes de africanos. (BAHIA, 2004, p. 15).

Tal como a concepção das teorias raciais, a alienação colonial buscou “estraçalhar” a autoestima do colonizado, por intermédio de um etnocídio cultural e deixá-lo preso as amarras, ora da exploração, ora do paternalismo colonial. O intelectual martinicano Frantz Fanon tece

¹ Informação verbal fornecida por Douglas Verrangia, em fevereiro de 2010, na palestra da semana pedagógica da rede municipal de Alagoinhas, Bahia, tendo como tema: “Africanear: raízes e faces afro-brasileiras na Educação de Alagoinhas”.

² C. Linnaeus reconheceu quatro variedades do homem: Americano [*Homo sapiens americanus*: vermelho, mau temperamento, subjugável], Europeu [*Homo sapiens europaeus*: branco, sério, forte], Asiático [*Homo sapiens asiaticus*: amarelo, melancólico, ganancioso], e Africano [*Homo sapiens afer*: preto, impassível, preguiçoso], dentre outras tantas categorias (BURKE, 1999, p. 68, *apud* HERNANDEZ, 2005, p. 19-20).

posicionamentos diante das artimanhas da colonização e afirma que a alienação colonial seria uma delas, uma vez que o colonizador não pretendia ser visto pelo colonizado como uma mãe doce e bondosa que o protege contra um ambiente hostil, mas sob a forma de uma mãe que a todo o momento impede um filho, fundamentalmente perverso, de se suicidar, de dar livre curso a seus instintos maléficos (FANON, 1979, p. 175).

Em contrapartida, por mais que estejam bem preparados e que possam escolher, nenhum grupo é capaz de transferir de um local para o outro, intacto, seu modo de vida, crença, valores. Esta afirmação condiz com a realidade da população africana e afrodescendente, em diáspora, no período do tráfico escravocrata, separada de seus familiares, colocada em contato com pessoas de diferentes grupos étnicos, com costumes e línguas diversas. Compartilhando, de início, a escravidão, descendência africana e a cor da pele negra, consoante Mintz e Price (2003, p. 38-40), faz-se necessária a criação de estratégias de sobrevivência, como o agrupamento em terreiros, quilombos:

A verdade inescapável no estudo da América é a humanidade dos oprimidos e a desumanidade dos sistemas que os oprimiram. Mas nem todos os sistemas escravagistas oprimiram igualmente todos os escravos, e nem todos os escravos lidaram da mesma maneira com sua opressão. (p. 113).

Muitas teorias são pensadas, algumas delas ressaltam a resistência negra, independente de todo sistema de aprisionamento, dando ênfase à soberania e à resistência negras, denominada esta de *tese da sobrevivência*, defendida por estudiosos, dentre os quais, Melville Herskovits, ao argumentar a respeito da capacidade de resistência da população negra, pois, ao enfrentar a opressão branca, consegue impor suas religiões, culturas, mantendo-as relativamente intactas.

Em contrapartida, considerando todos os entraves advindos de um sistema colonial e imperialista, temos a *tese da catástrofe*, discutida por pesquisadores, dentre eles, Roger Bastide, Stanley Elkins e Franklin Frazier, os quais acreditavam que, mediante a escravidão, os africanos e seus descendentes nas Américas eram forçados a se moldar ao mundo e modo do colonizador, tendo que aprender e interagir com uma nova língua, religião, modo de vida, sendo gradativamente assimilado. Essa tese considera as perdas e necessidades de reconstituição da identidade africana extinguidas nos porões dos navios e chibatadas dos malfeitores. Ambas, de caráter predominantemente maniqueísta, buscam entender a história do negro mediante tamanhos atritos, e posteriores, trocas.

Boas, Strauss, Mintz e Price, portanto, podem ser tidos como pensadores da alteridade, cujos estudos vislumbraram uma concepção multiculturalista e híbrida, em momentos sócio-históricos de forte presença da percepção uniforme e universalizante.

Pensando o olhar de intelectuais e críticos africanos e africanistas no que diz respeito ao conceito de raça, cabe pontuar as perspectivas trazidas por Kwame Appiah (1997); Mia Couto (2005); Zilá Bernd (1988) e Kabengele Munanga (1986). Segundo Appiah (1997, p. 28-32), para a geração que teorizou a descolonização da África, raça foi um princípio organizador central, tanto no olhar colonial de subjugação, quanto na visão pós-colonial de libertação e engajamento. Desta forma, consoante o referido autor, o conceito de *ser africano* reflete uma submissão colonial, no momento em que se apressam a encontrar uma essência para aquilo que chamam de ‘africanidade’. Couto (2005, p. 60) questiona se essa ideologia não se encontraria de forma semelhante a da colonial, reduzindo o continente africano, que conforme pontua o autor é o resultado de diversidades e de mestiçagens.

[...] o que a geração do pós-guerra de africanos britânicos retirou de sua estadia na Europa, portanto, não foi um ressentimento em relação à cultura ‘branca’... foi o sentimento de que, como africanos, tinham muito o que compartilhar: tomaram por verdadeiro, assim como todo o mundo, que esse sentimento comum estava ligado à sua “africanidade” compartilhada e, em sua maioria, aceitaram a visão europeia de que isso significava sua raça comum [...]. (APPIAH, 1997, p. 28, 30).

Estudantes negros de países outrora colonizados, quando começam a cursar universidades europeias, principalmente as de Paris e Londres, percebem as contradições entre as políticas de assimilação, pois eles conheciam a cultura, história do país que se encontravam, utilizavam a língua com bastante zelo, mesmo assim eram considerados inferiores, por serem negros (SENGHOR, 1948, *apud* BERND, 1987, p. 28).

Por meio desta problemática, dentre outros fatores, têm-se a *negritude*³ um dos movimentos sociais importantes na afirmação do ser negro. Tendo como precursoras as revoluções negras no Caribe, a *marronnage*; na América hispânica, a *cimmarronage*; no Brasil, o *quilombismo*, a *negritude* exemplifica, tais como as revoluções citadas, histórias de luta e resistências na luta contra assimilação e a consequente busca pela afirmação da identidade negra.

Aimé Césaire, poeta negro martinicano, em diáspora na França, é responsável pelo registro do nome do movimento, em *Caderno de um regresso a um país natal*, comenta Wilfried Feuser (1969, p. 44), poesia por meio da qual percebemos que ele formula o ideário *negritude*:

³ Não iremos diferenciar o sentido do termo *negritude* com “n” minúsculo do significado com “N” maiúsculo, mas pontuamos a genealogia gerada por Zilá Bernd (1988, p. 20) onde ela afirma que a *negritude* pode adquirir uma dupla significação. Primeiramente, como substantivo próprio *Negritude*, momento pontual na trajetória da construção de uma identidade negra, tendo o mundo como um movimento que pretendia reverter o sentido da palavra negro, atribuindo-lhe um sentido positivo; a outra significação adquire sentido como substantivo comum *negritude*, referindo-se a tomada de consciência de uma situação de dominação e de discriminação, e, por conseguinte, uma reação pela busca de uma identidade negra.

Minha negritude não é uma pedra,
sua surdez arremessada contra o clamor do dia
Minha negritude não é uma catarata de água morta
sobre o óleo morto da terra
Minha negritude não é uma torre nem uma catedral
Ela mergulha na carne vermelha do solo
Ela mergulha na carne ardente do céu
Ela rompe o desânimo opaco de sua justa paciência.⁴
(DAMASCENO, 1988, p. 131-132).

A palavra negritude é formada pela junção do sufixo *itude* ao radical *nègre*. As palavras *noir* e *nègre* são termos que remetem ao significado do negro em língua francesa. Entretanto, os sentidos atribuídos a estes termos se distanciam bastante, sendo a palavra *noir* utilizada com o significado mais ameno, em detrimento da *nègre*, de sentido pejorativo e ofensivo. Os idealizadores da negritude, como Aimé Césaire transgridem o significado da palavra, injetando ao *nègre* uma semântica valorativa. (BERND, 1988, p. 17).

Kabengele Munanga (1986, p. 36-37), por sua vez, não dicotomiza a multiculturalidade africana e a possível unidade que constitui a africanidade. Haja vista que, segundo o autor, negritude e pan-africanismo convergem, quanto atribuem a sociedades africanas, aspectos em comum, bem como o dever de luta coletiva. Expressa por intermédio de escritores e militantes como Aimé Césaire e Leopold Senghor, a negritude toma força enquanto movimento de libertação cultural e político. Também é um ideário que ganha feição no Brasil quando Solano Trindade, poeta negro, ativista das artes e política, estrutura, em Pelotas (RS), um grupo de arte popular já existente, transformando-o em 1943, no Teatro Popular Brasileiro. E, junto a Abdias do Nascimento, intelectual e militante negro funda o *Teatro Experimental do Negro* (TEN), grupo este cuja nomenclatura e ideologia pautam-se na afirmação da identidade afro, conforme Larkin Nascimento (2003, p. 288), lançando um desafio aberto à hegemonia mestiça que desfilava como simulacro da brancura.

O TEN é fruto de uma atitude audaciosa de seus fundadores com o objetivo de fortalecer a população negra em meio a momento de forte racismo no país com a evidência na ideologia da democracia racial. Também se responsabiliza pela promoção de peças teatrais, tendo como atores e atrizes, negros à margem do cenário artístico-cultural brasileiro. Dentre os avanços deste

⁴ Ma Négritude n'est pas une pierre, as surdité rueé contre la/ clameur du jour/ Ma Négritude n'est pas une taie / d'eau morte sur l'oeil mort de/ La terre/ Ma Négritude n'est ni une tour ni une cathédrale/ Elle plonge dans la chair rouge du sol/ Elle plonge dans la chair ardent du ciel/ Elle troue l'accablement opaque de sa droite patience. Tradução de: Benedita G. Damasceno. Transcrevo a tradução do mesmo poema para o francês. (SENGHOR, 1972, p. 58-59 *apud* DAMASCENO, 1988, p. 24).



movimento destaca-se a ênfase nas manifestações artístico-culturais de matrizes africanas e afro-brasileiras na composição dos espetáculos, à religiosidade, as indumentárias, as línguas, a corporeidade, sobretudo das etnias *bantu* e *ioruba*, aspectos estes que ocasionaram um grande choque à miscigenada e etnocêntrica nação brasileira.

O TEN também se atém a questões relativas à educação e a estética negra, dentre as quais, a alfabetização de pessoas menos favorecidas socioeconomicamente, inclusive as não negras; a promoção de concursos de beleza com o objetivo de romper com paradigmas eurocêntricos do que é belo. O caráter de inclusão abarca associações altamente inferiorizadas como a da empregada doméstica. Têm-se o trabalho com a autoestima, o cuidado de si mediante a importância aferida a favor da informação e prevenção da mulher negra gestante, principalmente por se perceber o alto índice de discriminação em relação aos exames pré-natais e a ausência do exame de toque, quando se trata de uma gestante de epiderme escura, continua Larkin Nascimento (2003). Essas iniciativas do *TEN* mudaram a face do teatro, auxiliaram na afirmação da identidade de homens e mulheres negros, por intermédio do autorreconhecimento e, conseqüente, valorização da ancestralidade, memória e identidade afrodescendente.

Ao considerar a sabedoria de líderes e membros de comunidades tradicionais, dos poetas idealizadores da negritude, dos artistas fundadores do *TEN* percebe-se que, conforme pontua Muniz Sodré (1999),

um sábio não se submete necessariamente à prova universal, mas à prova da experiência... cria a partir da carência... pode ser uma mãe de santo, pode ser alguém mais velho, pode ser um líder de comunidade [...]. (p. 27).

Os antropólogos e intelectuais evidenciados nesta escrita exemplificam as interferências socioculturais de curandeiros, espiritualistas; não detentores de um saber científico, mas sim de saberes passados pela tradição e ancestralidade, problematizando conceitos como o de raça, sobretudo quando esses são usados para inferiorizar, estigmatizar, fetichizar os elementos de matriz africana.

REFERÊNCIAS

- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- _____. *O que é negritude*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- BAHIA. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais*. Salvador: Secretaria Municipal da Educação e Cultura, 2004.
- BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- COUTO, Mia. Que África escreve o escritor africano? In: _____. *Pensatempos: textos de opinião*. Lisboa: Editora Caminho, 2005.
- DAMASCENO, Benedita Gouveia. *Poesia negra no modernismo brasileiro*. Campinas, SP: Pontes, 1988.
- FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1979.
- FEUSER, Wilfried. *Aspectos da literatura do mundo negro*. Salvador: UFBA, Centro de Estudos Afro-Orientais, 1969.
- HERNANDEZ, Leila Leite. *África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- STRAUSS, Claude Lévi. A ciência do concreto. In: _____. *O pensamento selvagem*. 2. ed. Campinas: Papius, 2002. p 15-49.
- MINTZ, Sidney W.; PRICE, Richard. *Nascimento da cultura afro-americana*. Uma perspectiva antropológica. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Pallas/ Universidade Cândido Mendes, 2003.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo, Ática, 1986.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil 1870-1930*, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SODRÉ, Muniz. Cultura, diversidade cultural e educação. Entrevista. In: TRINDADE, Azoilda; SANTOS, Rafael dos (Orgs.). *Multiculturalismo: mil e uma faces da escola*, Rio de Janeiro. DP&A editora, 1999.

ABSTRACT

This article works issues concerning race relations and cultural anthropology (BOAS, 2004); (STRAUSS, 1997) (MINTZ; PRICE, 2003). For that discusses the concepts of race and nationality, and between the goals, reflect these notions, is as discursive construction of legitimating and prejudices, as well as the potential for transformation and its unfolding in social and literary movements, taking as an example, blackness (BERND, 1988); (MUNANGA, 1986).

Keywords: Race Relations. Cultural Anthropology. Negritude.